Ética e Relações Humanas no Trabalho

Tema 4: Relações Humanas no Trabalho

Autora: Carla Patrícia Fregni

Como citar este material:

FREGNI, Carla P. *Ética e Relações Humanas no Trabalho*: Relações Humanas no Trabalho. Caderno de Atividades. Valinhos: Anhanguera Educacional, 2015.

CONVITE À LEITURA

Olá! Seja bem-vindo(a) ao quarto tema da disciplina Ética e Relações Humanas no Trabalho. Convidamos você para acompanhar as transformações ocorridas na relação entre homem e trabalho.

O **trabalho** surge, inicialmente, como uma forma de se garantir a sobrevivência. A natureza está repleta de demonstrações de trabalhos como garantia para a sobrevivência. Em uma colmeia, por exemplo, as abelhas se organizam em três tipos de papéis: a abelha rainha, os zangões e as operárias. A partir da relação entre esses papéis, elas produzem o mel, que é a base de sua subsistência.

Se, por um lado, o ser humano guarda muitas semelhanças com a natureza, por outro lado, diferencia-se bastante quanto à evolução de sua relação com o trabalho. Ao longo do tempo, podemos encontrar variações do significado que o homem já deu ao trabalho.

Você sabia que o significado da palavra latina que deu origem à palavra trabalho era *tripallium*? E sabe o que significava? *Tripallium* era um instrumento de tortura. Para os gregos, o trabalho manual era algo penoso e devia ser executado pelos escravos (TOMAZI, 2000, p. 48). Daquele tempo para hoje, o significado do trabalho passou por muitas mudanças, chegando a ser classificado como algo enobrecedor. De qualquer forma, é bastante comum encontrarmos muitas pessoas que ainda encaram o trabalho como um verdadeiro *tripallium*.

Saiba Mais!

Desenvolvimento da palavra trabalho

Conheça a trajetória dos principais termos voltados ao conceito de trabalho.

RODRIGUES, Sérgio. Trabalho, tortura e outras lutas: viva o Primeiro de Maio. *Veja.com*, 1 maio 2012. Disponível em: http://goo.gl/EkCQuB. Acesso em: 1 nov. 2014.

Trabalho: entre a Tortura e a Dignidade Humana

Atualmente, há muitos autores que se baseiam em pesquisas para confirmar que funcionários felizes produzem mais. Os autores Dave Ulrich e Wendy Ulrich (2011, p. 25) mencionam alguns exemplos:

> “Ao longo de um período de 10 anos (1998 a 2008), as ‘melhores empresas para trabalhar’ têm uma apreciação de 6,8% em suas ações, comparada com 1,0% da empresa média.”
>
> “Ao longo de um período de sete anos, as empresas mais admiradas na lista da revista **Fortune** tiveram o dobro do retorno de mercado em relação à concorrência.”
>
> “Somente 13% dos empregados que não têm comprometimento recomendariam os produtos ou serviços da sua empresa, comparados com 78% dos empregados comprometidos.”

Saiba Mais!

O trabalho dignifica o homem?

A expressão, tão comumente usada, encontra explicação na psicologia, pois o trabalho é, sim, condição preponderante para a realização humana.

MENDES, G. O trabalho dignifica o homem. *O Nacional.com*, 1 maio 2013. Disponível em: http://goo.gl/yFIUWa . Acesso em: 1 nov. 2014.

Atividade profissional e distúrbios psicossomáticos

O dilema de conciliar uma atividade profissional com prazer perdura até os nossos dias e pode ser fonte de distúrbios psicossomáticos para indivíduos e

perda de produtividade para empresas.

BALTHAZAR, Luci Endson. *Afinal, é trabalho ou tripalium*? 10 jun. 2013. Disponível em: http://goo.gl/WwD48s. Acesso em: 3 nov. 2014.

Matos (2012, p. 19) afirma que "a felicidade na empresa cria condições adequadas para a efetiva produtividade". Ele menciona quatro elementos importantes para se manter um ambiente organizacional propício: estilo gerencial participativo; conhecimento compartilhado; solidariedade; valorização pessoal.

Parece bastante lógica a ideia de que trabalhadores satisfeitos tenham mais ânimo para realizar suas funções (o que aumenta a produtividade) e também ficam menos doentes (principalmente quando a fonte da doença é o estresse). Mas, será mesmo possível sermos totalmente felizes no trabalho?

Ana Carolina Rodrigues, jornalista da *Você/SA*, apresenta uma discussão bastante pertinente sobre o amor ao trabalho. Ela menciona um discurso que Steve Jobs fez a 23 mil alunos da Universidade de Stanford durante cerimônia de formatura (de lá para cá, o vídeo foi baixado mais de 20 milhões de vezes no YouTube). Em determinado momento de seu discurso, Jobs fala: "*Você tem de encontrar o que você ama. A única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que faz. Se você ainda não encontrou, continue procurando, e não se acomode*".

Pelo tom usado na fala de Jobs e pela quantidade de vezes que o vídeo foi visto, somos realmente capazes de acreditar que o "amor" ao trabalho é o caminho para a felicidade, não é mesmo? Por outro lado, não podemos deixar de lançar um olhar mais crítico e cuidadoso a respeito de qualquer radicalismo neste sentido. Em seu artigo, Rodrigues (2014, s.p.) provoca uma reflexão:

> Amar o ofício talvez seja mais simples para quem ocupa um cargo de destaque ou tem um negócio de sucesso — o que explicaria a crença de Steve Jobs. Mas, para grande parte dos trabalhadores mortais, a relação entre prazer e fazer é mais conflituosa.

Não podemos negar que há um encadeamento lógico entre **sermos bons naquilo que fazemos, sermos reconhecidos por isso e alcançarmos nossa realização**. Precisamos de tempo e investimento para desenvolvermos nossas melhores competências. Porém, nossas necessidades financeiras nem sempre nos dão esse tempo, não é mesmo? Talvez,

por isso, haja tantas pessoas desanimadas no trabalho. Rafael Alcadipani, professor da Fundação Getúlio Vargas, acrescenta: “Para a maioria das pessoas, a possibilidade de fazer o que ama é limitada pela obrigação de ter de ganhar dinheiro para sobreviver” (RODRIGUES, 2014).

Então, essa reflexão nos leva a concluir que não há saída? É claro que há! E muitas! Seguem algumas dicas de pessoas entrevistadas pela jornalista Rodrigues (2014, s.p.):

- “Às vezes, não conseguimos começar fazendo o que amamos, mas temos de ter foco para encontrar o que nos faz crescer e, então, nos aproximarmos do que nos faz feliz profissionalmente.” (Guilherme Gatti, diretor de marketing para a América Latina da FedEx, empresa de logística de São Paulo)
- “Gostar do que faz é essencial, mas é preciso estar muito bem preparado para que as expectativas encontrem as oportunidades.” (Roger Ingold, presidente da consultoria Accenture de São Paulo)
- “Fazer o que ama é um pouco de acaso e bastante de noção sobre as próprias limitações. Tem gente que ama tocar piano, mas nunca poderia fazer isso profissionalmente.” (Rafael Alcadipani, Professor da FGV-SP)
- “Quando temos um propósito de vida bem definido, faremos coisas que verdadeiramente amamos e outras que nem tanto, mas que deverão ser realizadas com a mesma energia e dedicação para que o objetivo maior seja alcançado.” (Carlos Morassutti, vice-presidente de recursos humanos da Volvo, de Curitiba, Paraná).

Saiba Mais!

Entenda o “mundo do trabalho” e suas exigências

No mundo do trabalho, os cenários se transformam rapidamente. É preciso estar muito atento para acompanhar as mudanças. Em momento de transformação, o desafio de manter-se bem-colocado no mercado de trabalho se torna mais complexo. Nessas horas, não adianta se afobar, mas também não é aconselhável se acomodar. Há dois caminhos que podemos trilhar: o do trabalho criativo e do trabalho acomodado.

ENTENDA o "mundo do trabalho" e suas exigências. *CMAIS.com*, 19 abr. 2011. Disponível em: http://cmais.com.br/entenda-o-mundo-do-trabalho-e-suas-exigencias. Acesso em: 1 nov. 2014.

Trabalho precisa de mais amor?

Confira o artigo comentado anteriormente, de Ana Carolina Rodrigues, na íntegra:

RODRIGUES, Ana Carolina. Trabalho precisa de amor? *Exame.com*, 28 ago. 2014. Disponível em: http://goo.gl/OG3wM4. Acesso em: 2 nov. 2014.

Como o Trabalho Virou Mercadoria

O trabalho foi se transformando em mercadoria antes mesmo da eclosão da Revolução Industrial. Para que o trabalho se transformasse em mercadoria, foi necessário que o trabalhador fosse desvinculado de seus meios de produção, ficando apenas com sua força de trabalho para vender. Isso aconteceu na Inglaterra, por exemplo, com a expropriação dos camponeses, liberando as terras para a produção da lã. Esses camponeses e outras milhares de pessoas sem trabalho foram obrigados a se deslocar para as cidades. Esses dois fatores foram indispensáveis para a indústria têxtil, ou seja, foi possível dispor de muita matéria-prima e, ao mesmo tempo, de um exército de pessoas que possuíam apenas sua força de trabalho para vender.

Diante deste contexto, surgem pessoas que conseguem acumular riquezas e ter dinheiro nas mãos para aplicar em empreendimentos voltados à fabricação de mercadorias em outra escala de produção e com outra finalidade: vender no mercado. Assim, pouco a pouco, ao trabalhador acabou restando apenas sua força de trabalho para oferecer.

Saiba Mais!

O trabalho não é mercadoria!

Viver para trabalhar ou trabalhar para viver? Viver sem trabalhar ou trabalhar sem viver? Estes dilemas atravessam os tempos. Agora, mais do que outrora,

são centrais porque a globalização neoliberal está colocando o trabalho na gaveta do capital. Trata o trabalho como uma mercadoria, igual à terra, à água, à energia etc.

BENINCÁ, Dirceu. O trabalho não é mercadoria! *Jornal Mundo Jovem*, edição 406, p. 11, maio de 2010. Disponível em: http://goo.gl/qmU1rf. Acesso em: 7 nov. 2014.

A Concepção Protestante Puritana do Trabalho

Se houve transformações na própria maneira de produzir mercadorias, alterando a divisão social do trabalho e toda a estrutura da produção, houve também mudança na maneira de pensar a respeito do ato de trabalhar.

A **Reforma Protestante** propunha um novo significado para o trabalho que passava a ser visto como uma prática de virtude. Trabalhar arduamente levava ao êxito na vida material, o que era considerado uma expressão das bênçãos divinas sobre os homens. Ao cristão protestante era permitido alcançar riqueza, mas esta deveria ser reinvestida no trabalho para gerar mais oportunidades para outras pessoas trabalharem também.

A concepção protestante puritana em relação ao trabalho acabou criando um contexto conveniente à burguesia comercial e depois à industrial, que precisava de trabalhadores dedicados e tolerantes em relação às condições precárias de trabalho e aos baixos salários.

Trabalho e Capitalismo

O aparecimento das máquinas, como consequência dos avanços tecnológicos, revolucionou o modo de produzir mercadorias: surgiram as fábricas, configurando o contexto da Revolução Industrial entre 1820 e 1840. O trabalhador não precisava ter um conhecimento específico sobre algum ofício. Sua relação com a máquina era basicamente ligá-la, manuseá-la e regulá-la. A concepção era: sendo um operador de máquinas eficiente, seria um trabalhador produtivo.

O tear automático, inventado por Edmund Cartwright (TOMAZI, 2000, p. 50), substituiu os tecelões por trabalhadores com pouca qualificação e baixos salários. Foi deste contexto

que surgiram debates sobre o conflito entre trabalho e capital, que originava o processo de exploração do trabalhador.

A questão da exploração do trabalhador pelos capitalistas foi profundamente analisada por Karl Marx, no século XIX. Foi ele quem concebeu o conceito de **mais-valia**. Trata-se de um termo que explica o acúmulo de capital por meio do pagamento de salários inferiores em relação ao valor do que era produzido pelo trabalhador.

O aperfeiçoamento contínuo dos sistemas produtivos deu origem a uma divisão de trabalho detalhada e encadeada, o que resultou, inclusive, na diminuição de horas de trabalho. Esta forma de organização do trabalho passou a ser chamada de *fordismo*, pois foi Henry Ford quem estruturou a produção em sua fábrica de automóveis. Esse modelo foi seguido por muitas outras indústrias, a ponto de representar uma nova etapa da produção capitalista.

Iniciava-se, assim, o que muitos chamaram de a Era do Consumismo, ou seja, a produção em massa para o consumo em massa. Esse processo disseminou-se e atingiu quase todos os setores produtivos das sociedades industriais.

Em paralelo às mudanças introduzidas por Henry Ford, já existiam as propostas de Frederick Taylor, que propunha a aplicação de princípios científicos na organização do trabalho, buscando maior racionalização do processo produtivo.

Destacamos o papel de Ford e Taylor nesta época do capitalismo, mas também devemos mencionar dois outros elementos, externos à fábrica, que atuavam neste contexto: o **Estado**, criando mecanismos financeiros e legais, e o **movimento sindical**, que, nos Estados Unidos, transformaram-se em grandes estruturas administrativas que articulavam entre capitalistas, trabalhadores e Estado.

A partir da década de 1970, desenvolveu-se uma nova fase no processo produtivo capitalista chamada de **pós-fordismo** ou de **acumulação flexível**, pois marcava um confronto direto com a rigidez do fordismo. Novos setores de produção surgiram, assim como novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros e novos mercados. Surgiu, também, um grande movimento no emprego do chamado **setor de serviços**. Também surgiram indústrias novas em novas regiões, até então subdesenvolvidas.

Saiba Mais!

O trabalho na balança de valores

Desprezado e enaltecido no plano moral, o trabalho passou por transformações conceituais decisivas, cuja história, da Antiguidade ao mundo pós-industrial, ainda está longe de ter um fim.

ALBORNOZ, Suzana. O trabalho na balança dos valores. *Revista Cult*, edição 139, 2010. Disponível em: http://goo.gl/HQ2Xf4. Acesso em: 2 nov. 2014.

O Trabalho na Era do Conhecimento

Enfim, chegamos ao século XXI, e muitos estudiosos constatam que já não vivemos mais na Era Industrial, e sim na Era do Conhecimento.

Em apresentação do programa *Café Filosófico*, da TV Cultura, o Prof. Marcos Cavalcanti, Professor da UFRJ, afirma que fomos educados pela sociedade industrial, mas vivemos na sociedade do conhecimento, o que nos traz alguns problemas em relação a como enfrentamos os desafios dessa nova era. Muitas corporações atuais ainda gerenciam seus negócios sem pensar em agregar conhecimento e serviços aos **bens tangíveis** que produzem.

Cavalcanti aponta que mais da metade das exportações norte-americanas corresponde a bens intangíveis, ou seja, produtos como *software*, filmes, músicas, programas de televisão e consultorias. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, cuja sigla é OCDE, declarou que, em 2000, 55% da riqueza gerada no mundo já vinha do conhecimento.

Saiba Mais!

Conhecimento: o diferencial no mercado de trabalho

Para ser competitivo hoje é necessário saber aliar conhecimento com aplicabilidade. Destaca-se o profissional que busca soluções inovadoras e eficientes para os negócios da organização, que possui uma visão ampla da

empresa e do seu trabalho por meio de um conhecimento global, o que o torna um multiespecialista.

COELHO, Cinthia. Conhecimento: o diferencial no mercado de trabalho. *Revista Ietec*, n. 26, jun./ago. 2009. Disponível em: http://goo.gl/CT9kfg. Acesso em: 2 nov. 2014.

Vimos como a relação entre as pessoas e o trabalho foi se transformando ao longo do tempo. Percebemos, também, que essas transformações não aconteceram da noite para o dia, e, sim, resultaram de frequentes rupturas de modelos preestabelecidos.

Apesar de tantas mudanças, algumas coisas ainda parecem ser as mesmas, como as diferenças sociais, o acúmulo de riqueza por alguns poucos grupos, a submissão da maioria à necessidade de vender suas horas de trabalho.

Seja qual for o viés que utilizemos para discutir as questões das relações humanas no trabalho de nossa contemporaneidade, vamos sempre nos deparar com as questões de uma sociedade capitalista e voltada para o consumo.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Acumulação flexível: também conhecida como Toyotismo, é um modelo de produção industrial idealizado por Eiji Toyoda (1913-2013) e difundido pelo mundo a partir da década de 1970, após sua aplicação pela fábrica da Toyota, empresa japonesa que despontou como uma das maiores empresas do mundo na fabricação de veículos automotivos. A característica principal desse modelo é a flexibilização da produção, ou seja, em oposição à premissa básica do sistema anterior – o fordismo, que defendia a máxima acumulação dos estoques –, o toyotismo preconiza a adequação da estocagem dos produtos conforme a demanda. Assim, quando a procura por determinada mercadoria é grande, a produção aumenta, mas, quando essa procura é menor, a produção diminui proporcionalmente (PENA, s.d.).

Bens tangíveis: são bens que podemos tocar. Um caderno, uma caneta, por exemplo, são bens tangíveis. Ao contrário, os bens intangíveis não podem ser tocados. A aula, por exemplo, é um bem intangível. É bastante importante que um negócio agregue tangibilidade a seus bens intangíveis e agregue intangibilidade a seus bens tangíveis, ou

seja, ao vender um carro (que é um bem tangível), a montadora também disponibiliza o serviço de manutenção (que é um bem intangível) a seu cliente. Por outro lado, quando uma empresa de consultoria vende uma palestra (que é um bem intangível), ela também pode oferecer apostilas (que são bens tangíveis) a seu público.

Fortune: estudos sobre as empresas mais admiradas, realizados pela *Revista Fortune*, envolvem pesquisa junto a executivos seniores e diretores de empresas legítimas, além de analistas financeiros, com a finalidade de determinar as empresas que apresentam as reputações mais sólidas dentro de seus setores e em todos os setores (EMPRESAS..., s.d.).

Reforma Protestante: a Reforma Protestante foi apenas uma das inúmeras Reformas Religiosas ocorridas após a Idade Média e que tinham como base, além do cunho religioso, a insatisfação com as atitudes da Igreja Católica e seu distanciamento com relação aos princípios primordiais. Durante a Idade Média, a Igreja Católica tornou-se muito mais poderosa, interferindo nas decisões políticas e juntando altas somas em dinheiro e terras, apoiada pelo sistema feudalista. Desta forma, ela se distanciava de seus ensinamentos e caía em contradição, chegando mesmo a vender indulgências (o que seria o motivo direto da contestação de Martinho Lutero, que deflagrou a Reforma Protestante, propriamente dita), ou seja, a Igreja pregava que qualquer cristão poderia comprar o perdão por seus pecados. Outro fator que contribuía para a ocorrência das Reformas foi o fato de que a Igreja condenava abertamente a acumulação de capitais (embora ela mesma o fizesse). Logo, a burguesia ascendente necessitava de uma religião que a redimisse dos pecados da acumulação de dinheiro. Junto a isso, havia o fato de que o sistema feudalista estava agora dando lugar às Monarquias nacionais, que começavam a despertar na população o sentimento de pertencimento e colocavam a Nação e o rei acima dos poderes da Igreja. Desta forma, Martinho Lutero, monge agostiniano da região da saxônia, deflagrou a Reforma Protestante ao discordar publicamente da prática de venda de indulgências pelo Papa Leão X. (FARIA,s.d.)

Setor de Serviços: também conhecido por setor terciário, é aquele que engloba as atividades de serviços e comércio de produtos. É um dos três setores da economia, sendo os outros dois o Setor Primário (agricultura, extração mineral etc.) e o Setor Secundário (industrialização). Os serviços são definidos na literatura econômica moderna como “bens intangíveis”. O Setor Terciário envolve as provisões de serviços tanto para outros negócios

como para consumidores finais. Estes podem estar envolvidos como transportes, vendas e distribuição de bens dos produtores aos consumidores; podem ser também de outros serviços não ligados diretamente ao produto final, como controle de pragas e entretenimento. Os bens podem ser transformados também, como acontece em um restaurante ou em uma eletrônica. Assim, o foco está na interação entre pessoas, proporcionando um produto ou serviço que satisfaça os anseios de quem o(s) demandou (GIRARDI, s.d.).

Trabalho: pode-se definir trabalho, de acordo com o *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*, como o "esforço humano dotado de um propósito e que envolve a transformação da natureza através do dispêndio de capacidades físicas e mentais". Portanto, trabalho é toda atividade na qual o ser humano utiliza sua energia física e psíquica para satisfazer suas necessidades ou para atingir determinado fim, sendo elemento essencial da relação dialética entre o homem e a natureza, entre o saber e o fazer, entre a teoria e a prática. (MAGALHÃES; MAIA; MAZZOTTI, 2009).

AGORA É A SUA VEZ

Instruções

Agora, chegou a sua vez de exercitar seu aprendizado. A seguir, você encontrará algumas questões de múltipla escolha e dissertativas. Leia cuidadosamente os enunciados e atente-se para o que está sendo pedido.

Questão 1

"Seria alentador abordar o trabalho como meio de vida e de conquista da dignidade humana. Poder divisar o alívio do esforço/sofrimento no trabalho em face dos avanços tecnológicos e do conhecimento científico na história da humanidade. Contudo, o que se constata no mundo real do trabalho é um distanciamento crescente entre práticas organizacionais e direitos sociais conquistados. É o paradoxo que encerra o trabalho

contemporâneo: sua combinação com precarização social, com adoecimento dos indivíduos e destruição ambiental".

(FRANCO, T.; DRUCK, G.; SILVA, E. S. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho. *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 229-248, 2010)

Podemos concluir, a partir do texto apresentado, que:

I. O paradoxo do trabalho contemporâneo está no adoecimento dos indivíduos por causa da destruição ambiental.

II. Os avanços da tecnologia e do conhecimento científico não ajudaram a reduzir o sofrimento causado pelo trabalho.

III. Nem sempre os direitos conquistados pela sociedade são contemplados pela organização.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 2

Analise as afirmações que se apresentam e avalie cada uma como Verdadeira (V) ou Falsa (F):

I. O trabalho tornou-se mercadoria a partir do momento em que o trabalhador já não tinha mais posse sobre os meios de produção e lhe sobrava apenas sua própria força de trabalho para oferecer.

II. A burguesia beneficiou-se da concepção protestante puritana do trabalho, porque, a partir dela, o lucro podia ser visto como o fruto do trabalho que era abençoado.

III. A divisão de trabalho detalhada e encadeada resultou no aumento de horas de trabalho.

IV. Uma das práticas do chamado toyotismo determinava o aumento da produção, quando a procura por determinada mercadoria era grande, e sua diminuição, quando essa procura era menor.

Assinale a alternativa que dispõe a correta avaliação que você fez:

a) I=V; II=V; III=F; IV=V.

b) I=V; II=F; III=F; IV=V.

c) I=V; II=V; III=V; IV=F.

d) I=F; II=V; III=F; IV=V.

e) I=F; II=V; III=V; IV=F.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 3

I. A globalização e a tecnologia aumentam a complexidade do ambiente de trabalho.

PORQUE

II. Com a internet, os clientes têm mais informações e opções sobre o que e como comprar, e mercados distantes substituíram os locais em alguns setores.

Analisando as afirmações, conclui-se que:

a) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda justifica a primeira.

b) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda não justifica a primeira.

c) A primeira afirmação é verdadeira, e a segunda é falsa.
d) A primeira afirmação é falsa, e a segunda é verdadeira.
e) As duas afirmações são falsas.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 4

Alguns estudiosos afirmam que ter um trabalho que propicie prazer é positivo tanto para o empregado como para o empregador. Levando isso em consideração, responda:

1. Que benefícios profissionais adquire um trabalhador que sente prazer com o que faz? Explique sua resposta.
2. Que vantagens o empregador alcança com empregados mais felizes no trabalho? Explique sua resposta.

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

Questão 5

Autores afirmam que vivemos em uma sociedade do conhecimento. O que caracteriza a sociedade do conhecimento? Quais são as oportunidades e as ameaças que esse tipo de sociedade propicia nas relações humanas no trabalho?

Verifique a resposta correta no final deste material na seção Gabarito.

FINALIZANDO

Este quarto tema trouxe à tona discussões sobre a relação homem/trabalho. Vimos a trajetória que o significado de trabalho percorreu até os dias de hoje e pudemos refletir sobre a dualidade que ele carrega: o trabalho como tortura e o trabalho como realização profissional. Também tivemos a oportunidade de conhecer como o trabalho virou mercadoria, a concepção protestante frente ao trabalho, o caráter capitalista do trabalho contemporâneo e o trabalho na Era do Conhecimento.

Este tema nos deu alguns fundamentos para entendermos como e por que as relações humanas no mundo do trabalho chegaram ao que são hoje e também nos ajudará a refletir sobre discussões éticas neste contexto.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. O trabalho na balança dos valores. *Revista Cult*, edição 139, 2010. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-trabalho-na-balanca-dos-valores/. Acesso em: 2 nov. 2014.

BALTHAZAR, Luci Endson. *Afinal, é trabalho ou tripalium?* 10 jun. 2013. Disponível em: http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/afinal-e-trabalho-ou-tripalium/76747/. Acesso em: 3 nov. 2014. .

BENINCÁ, Dirceu. O trabalho não é mercadoria! *Jornal Mundo Jovem*, edição 406, p. 11, maio de 2010. Disponível em: http://www.mundojovem.com.br/artigos/o-trabalho-nao-e-mercadoria. Acesso em: 7 nov. 2014.

CAVALCANTI, Marcos. Desafios contemporâneos: o trabalho. *Café Filosófico*, 1 dez. 2009. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/wp/2009/12/01/integra-desafios-contemporaneos-o-trabalho-marcos-cavalcanti/. Acesso em: 1 nov. 2014.

EMPRESAS mais admiradas segundo a revista Fortune. Disponível em: http://goo.gl/Ta9yAz. Acesso em: 1 nov. 2014.

ENTENDA o “mundo do trabalho” e suas exigências. *CMAIS.com*, 19 abr. 2011. Disponível em: http://cmais.com.br/entenda-o-mundo-do-trabalho-e-suas-exigencias. Acesso em: 1 nov. 2014.

FARIA, Caroline. *Reforma Protestante*. Disponível em: http://www.infoescola.com/historia/reforma-protestante/. Acesso em: 3 nov. 2014.

GIRARDI, Edson C. *Setor Terciário*. Disponível em: http://www.infoescola.com/economia/setor-terciario/. Acesso em: 3 nov. 2014.

MAGALHÃES, Edith Maria Marques; MAIA, Helenice; MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Representações sociais de trabalho docente por professores de curso de pedagogia. 2009. 20 p. Trabalho Simpósio – Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2009.

MATOS, Francisco Gomes de. *Ética na gestão empresarial*: da conscientização à ação. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

MENDES, G. O trabalho dignifica o homem. *O Nacional.com*, 1 maio 2013. Disponível em: http://www.onacional.com.br/geral/cidade/37224/0+trabalho+dignifica+o+homem. Acesso em: 1 nov. 2014.

PENA, Rodolfo F.A. *Toyotismo*. Disponível em: http://www.mundoeducacao.com/geografia/toyotismo.htm. Acesso em: 3 nov. 2014.

RODRIGUES, Ana Carolina. Trabalho precisa de amor? *Exame.com*, 28 ago. 2014. Disponível em: http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/noticias/trabalho-precisa-de-amor. Acesso em: 2 nov. 2014.

RODRIGUES, Sérgio. Trabalho, tortura e outras lutas: viva o Primeiro de Maio. *Veja.com*, 1 maio 2012. Disponível em: http://goo.gl/UcqyZO. Acesso em: 1 nov. 2014.

SANTOS, K. Trabalho como conceito filosófico. *Revista Filosofia*. Disponível em: http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/42/artigo290788-1.asp. Acesso em: 2 nov. 2014.

TOMAZI, Nelson D. *Iniciação à sociologia*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

ULRICH, Dave; ULRICH, Wendy. *Por que trabalhamos*: como grandes líderes constroem organizações comprometidas que vencem. Porto Alegre: Bookman, 2011.

GABARITO

Questão 1

Resposta: Alternativa D.

Esta questão tem a pretensão de exigir do aluno paciência com a leitura e o desenvolvimento da interpretação do texto. A afirmação **I** está incorreta porque o paradoxo do trabalho contemporâneo (mencionado no texto) está no fato de que, mesmo diante de altas tecnologias e de avançadas descobertas da ciência, o ser humano ainda continua sofrendo com a precarização social, o adoecimento e a destruição do meio ambiente.

Questão 2

Resposta: Alternativa A.

As ideias das quatro afirmações estão no próprio conteúdo deste tema. Devemos ressaltar que o item **III** é falso porque afirma exatamente o contrário do que deveria ser: a divisão de trabalho detalhada e encadeada resultou **na diminuição** de horas de trabalho.

Questão 3

Resposta: Alternativa A.

Esta questão pretende resgatar um conhecimento que, na verdade, já deve ter sido absorvido pelo aluno com a própria multidisciplinaridade oferecida pelo curso.

Questão 4

Para a resposta, espera-se que o estudante traga à tona reflexões sobre a relação do bem-estar do funcionário com aquilo que faz e a quantidade/qualidade de sua produção. Para ele mesmo, os benefícios são: a preservação de sua saúde, realização e reconhecimento profissionais; para o empregador, maior produtividade e menores custos.

Questão 5

Esta questão exigirá do estudante autonomia de estudo na busca de informações complementares. A sociedade do conhecimento é caracterizada pelo importante papel das novas tecnologias, por exemplo, as tecnologias da comunicação e a biotecnologia. Muito mais pessoas, em relação a períodos históricos anteriores, têm muito mais acesso a muito mais informações. As experiências humanas são aceleradas: o que valia ontem já não valerá mais hoje. A vantagem nas relações humanas no trabalho pode estar ligada às oportunidades de desenvolver melhor as competências profissionais, e as ameaças estão no distanciamento e “esfriamento” entre as pessoas.